

Linguagem em Discursos eletrônicos de Saúde ¹

Lúcia Lemos ²

RESUMO

O artigo enfoca aspectos do discurso instaurado frente às novas tecnologias, naqueles que tratam de saúde. O meio *internet* proporciona uma das mais completas experiências de comunicação individual e coletiva. Mas, como todas as formas de comunicação, os gêneros discursivos eletrônicos também apresentam suas especificidades e dificuldades. Sequer se consolidaram, já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social. No campo da saúde, em especial, vimos o surgimento de vários *sites* de informação. Nosso intuito, também, é refletir como essa linguagem se manifesta e com que efeitos ela é estabelecida.

PALAVRAS-CHAVE: tecnologia de linguagem; discurso; discurso eletrônico; comunicação de saúde.

ABSTRACT

The article focuses aspects of the restored speech front to the new technologies, in that they deal with health. The medium internet in provides one of the most complete experiences of individual and collective communication. But, as all the communication forms, the electronic discourses sorts also present its specifics and difficulties. At least they had been consolidated; already they provoke controversies how much to the nature and ratio of its impact in the language and the social life. In the field of the health, in special, we saw the sprouting of some sites of information. Our intention, also, is to reflect as this manifest language if and with that effect it is established.

KEYWORDS: languages technologies, discourses, electronic discourses, health communication.

¹ Artigo apresentado para parecer na Sociedade de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), no NP Intercom em Comunicação Científica, para o XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, a ser realizado em Santos (SP), no período de 29 de agosto a 02 de setembro de 2007.

² Lúcia Márcia Carvalho Lemos é Especialista em Jornalismo, Educação e Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), ano de 2007 Orientadora: Prof^a Dr^a Elizabeth Moraes Gonçalves. E-mail para contato: luciamclemos@gmail.com

INTRODUÇÃO

As mudanças tecnológicas alteraram as concepções de cultura, conhecimento, informação e meios de comunicação de massa. A *internet*, desde sua evolução, é espaço aberto. Suas possibilidades se abrem para contextos diversos, dentro de um modelo sistêmico. Assim entendida, permite sua utilização simultânea em sistemas sociais que, à primeira vista são diversos - proporciona uma das mais completas experiências de comunicação individual e coletiva. Mas, como todas as formas de comunicação, ela também apresenta suas especificidades e dificuldades. Dentre outras coisas, “a *internet* dá insegurança, assusta por causa do desconhecido e esse é o verdadeiro desafio” (DISSAT, 2007).

A comunicação no meio digital é fonte para análise de vários campos e também constatação de “efeitos de sentidos”. Se nos discursos eletrônicos as características de produção são outras, são novas, também, as formas de construção de sentido.

Ao especificar os gêneros emergentes nessa nova tecnologia, Marcushi reconhece que são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita (2002). Contudo, sequer se consolidaram esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social. Argumenta ele que

em certo sentido, pode-se dizer que, na atual sociedade da informação, a *internet* é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. Se bem aproveitada, ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas sem sufocá-las, mas ainda não sabemos como isso se desenvolverá (MARCUSHI, 2005).

Também não é diversa a prática nos discursos que tratam de saúde. Entendemos estes tanto nas formas tradicionais de transmissão de cultura científica,³ quanto àqueles que promovem a saúde. Saúde aqui, no sentido do que Pierre Fayard refere: “a condição

³ No entender de Carlos Vogt, a expressão “cultura científica” é mais adequada por englobar o conceito norte-americano de “alfabetização” científica (scientific literacy), bem como o dos ingleses, que desenvolveram o conceito de “compreensão pública da ciência” (public understanding of science), ou de consciência da sua importância (public awareness). E, ainda, a visão da ciência como formadora da cultura – seja do ponto de vista da sua produção, da sua difusão entre os pares ou na dinâmica social do ensino e da educação, bem como da sua divulgação na sociedade para o estabelecimento das relações críticas necessárias entre o cidadão e os valores culturais de seu tempo e de sua história. Informações em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2006/ju342pag11.html>. Data de acesso: 15 de junho de 2007, às 11h50.

harmoniosa de equilíbrio funcional, físico e psíquico do indivíduo integrado dinamicamente no seu ambiente natural e social” ou dentro do conceito da Organização Mundial de Saúde, que a considerou o primeiro princípio básico para a “felicidade, as relações harmoniosas e a segurança de todos os povos”: “Saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”.⁴

Recuperando conceitos – Os gêneros textuais são aqueles que os usuários fazem ao utilizar a linguagem em interações sociais específicas e como organizam suas mensagens de modo a atingir seu propósito social.

De acordo com Bakhtin, “gênero são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados nas diferentes esferas sociais de utilização da língua” (1992, p. 279). É, ainda, uma classe de eventos comunicativos, os quais são delimitados por objetivos comunicativos - tema, estilo e estrutura esquemática.

Todo gênero, segundo Bakhtin, é definido por três dimensões essenciais:

a) os conteúdos - que são e se tornam dizíveis pelo gênero (conversa, carta, palestra, entrevista, resumo, notícia, etc.) e não por frases ou orações;

b) a estrutura/forma específica dos textos - narrativo, argumentativo, descritivo, explicativo ou conversacional - pertencentes a ele;

c) as configurações específicas das unidades de linguagem - estilo: os traços da posição enunciativa do locutor e os conjuntos de seqüências textuais e de tipos discursivos que constituem a estrutura genérica.

Tudo isto, pois, refere-se

ao domínio da diversidade discursiva (narração, explicação, argumentação, descrição, diálogo; do gênero textual (conversa, conto de fadas, relato de experiência, lenda, relato histórico, carta etc.); das dimensões textuais (uso dos tempos verbais e dos organizadores textuais); da progressão anafórica; do esquema dos atuantes (papel dos personagens); da interlocução; da organização narrativa, argumentativa, expositiva, pontuação, etc. (COSTA, 2006).⁵

⁴ Cf. Constituição da Organização Mundial de Saúde, adotada pela Conferência Internacional da Saúde, realizada em Nova Iorque, no período de 19 a 22 de julho de 1946.

⁵ COSTA, Sérgio Roberto. Gêneros discursivos e textuais: uma pequena síntese teórica e recorte. **Revista de linguagem, cultura e discurso**. Ano 3, nº 5 – jul-dez. de 2006.

Explica Costa (2006) que no sentido da produção de um gênero, vai haver sempre uma interação determinada, regulada pela organização enunciativa da situação de produção, que é definida por alguns parâmetros sociais:

- o lugar social da interação (sociedade, instituição, esfera cultural, tempo histórico);
- os lugares sociais dos interlocutores ou enunciadore (relações hierárquicas, relações interpessoais, relações de poder e dominação etc.);
- finalidades da interação (intenção comunicativa do enunciadore). Além disso, a forma composicional e as marcas lingüísticas (gramática) dependem do gênero a que pertence o texto e esse gênero operante dependerá da situação da enunciação em curso na operação.

Já para Marcuschi, “gêneros são modos de organização da informação que representariam as potencialidades da língua, as rotinas retóricas ou formas convencionais que o falante tem à sua disposição na língua quando quer organizar o discurso” (2002/2004).

Na sociedade da informação, a ordem do discurso determina que pensemos o gênero como processo.

Gêneros virtuais é o nome dado às novas modalidades de gêneros textuais surgidas com o advento da *internet*, dentro do hipertexto - Marcuschi os chama de *gêneros virtuais emergentes*. Eles possibilitam, dentre outras coisas, a comunicação entre duas ou mais pessoas mediadas pelo computador (CMC). Dessa maneira, nesse contexto da tecnologia digital, esta forma de intercâmbio caracteriza-se basicamente pela centralidade da escrita e pela multiplicidade de semioses: imagens, sons, texto escrito (MARCUSCHI, 2002/2004).

Três aspectos tornam a análise desses gêneros relevante:

1. seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado;
2. suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes em gêneros prévios;
3. a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita.

Assim, “o ‘discurso eletrônico’ constitui um bom momento para se analisar o efeito de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias” (MARCUSHI, 2002/2004).

Podem ser analisados, ainda, sobre três aspectos:

1. do ponto de vista dos usos da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas e abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semi-alfabética;
2. do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio;
3. do ponto de vista dos gêneros realizados, a *internet* transmuta, de maneira bastante complexa, gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos.

A noção de gênero, aplicada a noção de comunidade virtual, desloca o foco de questões como a natureza e o grau do relacionamento entre os “membros da comunidade”, para o propósito, da comunicação. Neste tipo de gênero, podem ser observados:

- o propósito comunicativo do discurso;
- a natureza da comunidade discursiva;
- as regularidades de forma e conteúdo da comunicação, expectativas subjacentes e convenções;
- as propriedades das situações recorrentes em que o gênero é empregado, incluindo as forças institucionais, tecnológicas e sociais que dão origem às regularidades do discurso.

Os gêneros digitais emergentes, de acordo com Marcushi são: *e-mail*, bate-papo virtual em aberto, bate-papo virtual reservado, bate-papo agendado, bate-papo virtual em salas privadas, entrevista com convidado, aula virtual, bate-papo educacional, vídeo-conferência interativa, lista de discussão, endereço eletrônico, *web-blog* (MARCUSHI, 2002/2004).

Nos discursos eletrônicos, esses tipos de gêneros são recursos para uma maior interatividade. Naqueles que dizem respeito à saúde, eles agregam o valor de atuarem como interconexões necessárias, pois articulam *comunicação pública* da ciência/saúde,⁶ cultura (muitos saberes) e podem promover a cidadania ativa.

⁶ Para Barbosa, o conceito de comunicação pública é válido quando se pode falar em participação popular, multiplicidade de vozes, esfera de interação social. In: *Opinião Pública na Idade Mídia. Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: Metodista, ano 28, n° 46.

Redação na web - Portanto, as possibilidades de redação e comunicação são infinitas e muito pode ser adaptado à *internet*. *SMS*, *Bluetooth*, projeção digital com interatividade, sensores e outras coisas que se conseguem inventar todos os dias, misturando tecnologias”, explica a planejadora de ações de *marketing* em mídias móveis, Costa.⁷

Ela tem a sensação de que, neste tópico, “o céu é o limite”. “Basta inventar e ter coragem de misturar tudo. E a comunicação só tem a ganhar com isso. Porque, hoje, não é somente a web que é 2.0. As pessoas também se tornaram 2.0”. “Pode parecer futurismo alucinado”, a planejadora de ações de *marketing* aponta, “mas a grande vantagem das novas mídias sobre a *web* é justamente o fato de ser extremamente democrática - inclusive com quem não tem um computador conectado à *internet*”.

Já a especialista em informações de saúde na *web*, Dissat, argumenta que a irreverência, a informalidade e a liberdade do jornalismo em geral, nem sempre é ideal, em todos os momentos, na *internet*. “A comunicação na *web* exige elegância” (DISSAT, maio de 2006).⁸

Mas ela acredita que existam mais necessidades importantes para serem incluídas, tais como: finalização, iniciativa e criatividade. São as maiores carências que ela, sente hoje, nos repórteres.

Realmente na hora de fechar um texto para um *site* vários fatores começam a ser necessários, que em outras mídias nem precisávamos pensar com tanta rapidez. Hoje em dia, o repórter além de escrever e apurar precisa pensar na matéria como um todo: hiperlinks; tentar ser o mais objetivo no primeiro parágrafo (parecido com outras mídias); pensar na possibilidade de incluir um áudio na matéria; escolher as palavras mais significativas para usar o negrito, etc, (DISSAT, junho de 2007).

Foi por encontrar dificuldades em padronização de redação em uma empresa especializada em conteúdo para diversas mídias, que a jornalista Dissat lançou um manual interno de redação. A primeira abordagem do manual é referente às dicas para edição da *home* de um *site*. Algumas dessas informações fazem referência ao uso do editor de conteúdo, utilizado pela sua empresa. Como a maioria das informações disponibilizadas nos *sites* que edita tem a saúde como tema específico, fala da existência

⁷ COSTA, Maira. **Se é web 2.0, trabalhe para pessoas 2.0**. Informações disponíveis em: <<http://webinsider.uol.com.br/index.php/2007/05/16/se-e-web-20-trabalhe-para-pessoas-20/>>. Data de acesso: 23 de maio de 2007, às 16h.

⁸ DISSAT, Cristina. **Manual online de redação**. Informações em: <<http://blog.informedjornalismo.com.br/2006/05/26/manual-online-da-redacao/#respond>>. Data de acesso: maio de 2006.

de uma série de questões políticas que envolvem seus clientes: “são detalhes que acabam se repetindo com as novas contas”.⁹

Por outras vezes, Dissat dá as dicas de como proceder em reportagens sobre os eventos de saúde – congressos e simpósios que a empresa participa. E, mais uma vez, orienta:

Para evitar que você seja surpreendido em algum momento, que tal sair da sua posição e observar algumas situações de fora para dentro? Faça um exercício simples, respondendo para você mesmo, algumas questões. Como nem tudo é revista de gênero, você não vai encontrar o resultado no final da reportagem dizendo como foi o seu desempenho. Essa resposta virá no seu próprio dia-a-dia. Resta saber se vai usar isso contra ou a seu favor (DISSAT, 2007).¹⁰

Ela reafirma a fala de Luli Radfahrer (2007) em evento que participou, sobre *webdesign*, em maio deste ano: “equilíbrio não é (só) simetria - é estabilidade.

Papel da linguagem no discurso eletrônico - De acordo com Marcushi, o “discurso eletrônico’ constitui um bom momento para se analisar o efeito de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias”.¹¹ Por isso, ele tem a convicção de que uma etnografia da *internet* é de grande relevância para entender os hábitos sociais e lingüísticos das novas “tribos” da imensa rede mundial, que vêm se avolumando e diversificando a cada dia.

Quando o assunto é comunicação de ciência na *web*, a linguagem também deve ser adaptada. Bem como seus sentidos. Porque redigir ciência também abrange aqueles das ciências-arte da medicina e cuidados com a saúde (BURKETT, 1990. p. 5).

O ano de 1996 foi um marco importante na consolidação da especialidade, quando o primeiro número do *Journal of Health Communication* definiu comunicação em saúde como

um campo de especialização dos estudos comunicacionais que inclui os processos de *agenda-setting* para os assuntos de saúde: o envolvimento dos meios massivos com a saúde; a comunicação

⁹ Idem nota anterior.

¹⁰ DISSAT, Cristina. **Manual de redação IV**. Disponível em: <http://blog.informedjornalismo.com.br/category/manual-da-redacao/>. Data de acesso: 29 de janeiro de 2007, às 18h.

¹¹ MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, maio de 2002. Arquivo particular, em PDF/ In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

científica entre profissionais da biomedicina, a comunicação médico/paciente; e, particularmente, o planejamento e a avaliação de campanhas de comunicação para a prevenção da saúde” (ROGERS, 1996).¹²

De acordo com Sabattini,¹³ o volume e a variedade de informações disponíveis no meio *web* sobre assuntos relacionados à medicina e à saúde é imenso. Um dos efeitos da *internet* é aumentar a consciência da comunidade médica sobre o valor do acesso à informação, da educação continuada, e da mudança radical de paradigmas que a presença universal desta grande rede está trazendo a todos os aspectos da sociedade.¹⁴

E é aí que se dá a circulação do saber, que parte de um discurso que *detém o poder* para, com criatividade, “informar sem deformar”, com recursos, tais como: metáforas, analogias, recriação de conceitos e maleabilidade lingüística.

A *internet* fornece não apenas os tipos de informação médica presentes nos meios tradicionais impressos, tais como textos e imagens de artigos científicos e clínicos, revistas, jornais, boletins, manuais, relatórios técnicos e de casos, livros, listas e catálogos, etc., mas também outros meios digitais, tais como gravações de áudio e vídeo, desenhos animados, imagens e textos interativos, etc (SABATTINI, 2000).

“Outro efeito/tendência importante é um aumento no grau de informação dos pacientes sobre os seus problemas de saúde. “Graças às revistas populares, à TV e, agora, à *internet*, as pessoas estão cada vez mais bem informadas e têm condições de argumentar com o médico quando acham que alguma coisa não está correta”,¹⁵ analisa, ainda, este especialista. É quando o *discurso de poder* do profissional médico entra em xeque – porque passa a conviver com aquele das outras pessoas, que têm o direito de se inteirarem e participarem dos casos pertinentes à sua saúde.

A partir dos conceitos de Rogers (1996), comunicação em saúde:

¹² ROGERS, Everett. The field of health communication today: an up-to-date report. In: **Journal of health communication**, nº 1, fev. de 1996.

¹³ SABATTINI, Renato. *Internet* em medicina: os recursos. In: **Informática médica**, vol.1, nº 1, jan. de 1998. Disponível em: <<http://www.informaticamedica.org.br/informaticamedica/n0101/sabbatini.htm>>. Data de acesso: 28 de março de 2007, às 19h.

¹⁴ Idem. O futuro da *internet* na medicina. Artigo publicado no **Jornal Correio Popular**, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.sabbatini.com/renato/correio/cp000305.htm>>. Data de acesso: 28 de março de 2007, às 19h.

¹⁵ Idem. Saúde na rede. Artigo publicado no **Jornal Correio Popular**, Campinas, 21 de março de 1997. Disponível em: <<http://www.sabbatini.com/renato/correio/cp970321.htm>>. Data de acesso: 28 de março de 2007, às 19h.

- a) é um campo especializado do estudo da comunicação que inclui o processo de agendamento dos meios para temas de saúde;
- b) a defesa da saúde pelos meios;
- c) comunicação científica entre cientistas biomédicos;
- d) comunicação médico-paciente;
- e) o planejamento e avaliação de campanhas preventivas de saúde”.¹⁶

Já a comunicação interativa em saúde é uma modalidade de comunicação utilizando dispositivo eletrônico ou tecnologia que permita acessar ou transmitir informação de saúde ou receber instrução e apoio em assuntos relativos à saúde.

Campo da análise do discurso de saúde, seus efeitos e produção de sentidos -

Pêcheux define discurso como “efeito de sentidos entre interlocutores” (PÊCHEUX, 1969). Para a análise do discurso (AD), a situação histórico-social na qual se organiza um discurso é de essencial relevância na extração dos sentidos. Isto é, na constatação dos “efeitos de sentido”, provocados pelo sujeito discursante e nos sujeitos ouvintes ou leitores do discurso.

Por outro lado, de uma maneira geral, analisa Lovatto,

o discurso empregado pelo cientista está distante da linguagem usada pela maioria das pessoas e se distancia à medida que aumenta o grau de pobreza, onde a população passa a usar a língua para satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência e, dificilmente, para reivindicar, questionar ou argumentar em situações que não sejam de convívio diário (2001, p. 51).¹⁷

“Em um discurso sobre saúde, múltiplos discursos são ordenados, não só pelas regras inerentes à prática jornalística, mas também segundo condições dadas pelo exercício do poder e pela ideologia que permeiam as relações sociais” (FERRARETTO, 2005).¹⁸

Aliás, “os textos, de uma maneira geral, são partes integrantes do contexto sócio-histórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões

¹⁶

¹⁷ LOVATTO, Juceli M. **A estreita relação entre a linguagem e os comunicadores em saúde**. In: Mídia e saúde. EPSTEIN, Isaac ... [et al.] (orgs.). Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001. Textos apresentados nas COMSAÚDE- Conferências Brasileiras de Comunicação e Saúde (1999-2001).

¹⁸ FERRARETTO, Elisa Kopplin Os vários discursos do discurso jornalístico sobre saúde. In: **Comunicação & Saúde- Revista Digital**. vol. 2, nº 2, julho de 2005. Disponível em: <http://www.comunicasaude.com.br/rev_artigos2ElisaFerraretto.htm>. Data de acesso: ano de 2005.

sociais [...]”. Por isso “[...] têm papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem numa sociedade” (PINTO, 1999, p. 24).

Dessa forma, no jornalismo em saúde, a produção de sentidos assume um papel essencial, porque influencia na construção social do que significa. Por exemplo, ser sadio, jovem e bonito:

As mídias, além de serem instrumentos de representação, são, ao mesmo tempo, dispositivos, espécies de verdadeiros nichos, onde a realidade se estrutura como referência. [...] O poder das mídias está na sua capacidade de construir, via discursos, conceitos e referências que, em última análise, vão se tornando o nosso próprio cotidiano” (FAUSTO NETO, 1999, p. 9).

Na opinião de Ferraretto

se, de um lado, a atuação da mídia tem efeitos positivos ao indicar a necessidade de cada pessoa cuidar melhor de si mesma; de outro, acaba por definir no imaginário coletivo padrões homogeneizadores de saúde, beleza e juventude que reforçam a competição e a rejeição - quando não a exclusão do diferente (2005).

Isto é o que também pudemos constatar quando analisamos *A imagem da mulher nas revistas Boa Forma e Corpo a Corpo* (LE MOS e PIMENTA, 2006).

Neste aspecto, rememoramos o que Maingueneau adverte:

toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário [...], é uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores, virtuais ou reais, e supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e com relação à qual constrói seu próprio discurso (2001, p. 54).

Bem como as considerações de Verón (s.d., p. 197): a noção de poder designa “os efeitos do discurso no interior de um tecido determinado de relações sociais. [...]” e “esses efeitos não podem ter outra forma que não seja a de uma outra produção de sentido”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos a importância do impacto da *internet* sobre as mais diversas áreas de atividade. A comunicação sobre os temas de saúde, em particular, tem crescido em importância na agenda pública.

De uma maneira geral, uma comunicação deve ser conceitualizada não em termos de transmissão de informação de um emissor para um receptor, mas, antes, em termos de um diálogo entre ambas as partes, com a fonte de informação (emissor) e a audiência (receptor).

O fato de o discurso ser produzido conforme as características inerentes ao meio digital implica, também, em transformações em sua forma de manifestação derivadas da linguagem própria do ciberespaço.

Maingueneau já advertira de que o *mídiu*m não é um simples meio. Uma mudança do *mídiu*m modifica o conjunto de um gênero de discurso e a natureza dos textos. Isto é, todas as formas de produção de um conteúdo, bem como seu modo de consumo (2001. p. 71-72).

Por outro lado, vimos que o discurso sobre saúde no meio digital, assim como em outras manifestações comunicativas, é portador, em si, de diversos discursos, diversas faces e diversos sentidos.

Alertamos para o fato de o sentido construído pelas pessoas a partir das mensagens dos meios não se limita ao que as fontes pretendem, mas é sempre enriquecido pelo que as pessoas criam.

Torna-se fundamental considerar como os usuários empregam esse novo veículo, as dificuldades, os desafios e incertezas que sentem e como constroem os sentidos a partir dele. Daí a importância dos encontros de estudo que se fazem para analisar estes pontos. Como exemplo, podemos citar o encontro de *webdesign*, no Rio de Janeiro, em maio deste ano, e que mostrou possibilidades e tendências, de uma forma geral, e como isso pode se reverter a favor de um melhor projeto, principalmente na área de comunicação em saúde.¹⁹

Compartilhamos com as recomendações de especialistas na área, as quais Dissat salienta:

- a comunicação deve gerar cumplicidade e compartilhar referências;
- o olho humano procura simplicidade;
- comunicação + conteúdo = engajamento;
- não buscar só inspiração, mas olhar o mundo real – com necessidades;
- os internautas precisam ser cativados aos poucos;
- as pessoas querem respeito, carinho e serviços - daí a comunicação útil;

¹⁹ DISSAT, Cristina. **Encontro de *webdesign* no Rio de Janeiro – Geral e palestras**. Informações disponíveis em: <<http://blog.informedjornalismo.com.br>>. Data de acesso: 20 de maio de 2007.

- dá para se fazer comunicação de qualquer maneira, em qualquer mídia, mas a *web* tem algo especial;
- por ser especial, é preciso prestar atenção ao discurso instaurado e ressignificado.

Como citado anteriormente, reafirmamos a posição de Sabattini, de que “um dos *principais* efeitos da *internet* é aumentar a consciência da comunidade médica sobre o valor do acesso à informação, da educação continuada, e da mudança radical de paradigmas que a presença universal desta grande rede está trazendo a todos os aspectos da sociedade” (grifo nosso - 2000).

Finalizamos com as palavras de Fayard

Se hoje como ontem, informação significa poder, sua retenção obsessiva não é o melhor vetor de sua eficácia. Sua rentabilização passa pela troca e pela transformação para formar, alimentar e polarizar comunidades de valores ou ainda para criar “obrigatórios informacionais” ocupados em ir e vir para assim permanecer em posição de receber [...]. Hoje, é a comunicação que faz viver e é este o objeto maior da estratégia, de suas redes e de seus dispositivos nesta sociedade do conhecimento em que vivemos (2001).²⁰

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec: 1973.

BARBOSA, Henrienne. Interconexões necessárias: comunicação, cultura e cidadania. In: Opinião pública na idade mídia. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Metodista, ano 28, nº 46.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico**. São Paulo: Forense Universitária, 1990.

COSTA, Maira. **Se é web 2.0, trabalhe para pessoas 2.0**. Informações disponíveis em: <<http://webinsider.uol.com.br/index.php/2007/05/16/se-e-web-20-trabalhe-para-pessoas-20/>>. Data de acesso: 23 de maio de 2007, às 16h.

²⁰ FAYARD, Pierre. A revolução da precisão. **ComCiência** - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), 10 de março de 2001. Informações disponíveis em: <<http://comciencia.br/reportagens/socinfo/rtf/infotudo.rtf>>. Data de acesso: 15 de junho de 2007, às 12h30.

COSTA, Sérgio Roberto. Gêneros discursivos e textuais: uma pequena síntese teórica e recorte. **Revista de linguagem, cultura e discurso**. Ano 3 - nº 5, jul-dez. de 2006.

DISSAT, Cristina. **Manual de reação online I-IV**. Disponível em: <http://blog.informedjornalismo.com.br/category/manual-da-redacao/>. Datas de acesso: maio de 2006 e 29 de janeiro de 2007.

FAUSTO NETO, Antonio. **Comunicação & mídia impressa: estudos sobre a Aids**. São Paulo: Hacker, 1999.

FAYARD, Pierre. A revolução da precisão. **ComCiência** - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), 10 de março de 2001. Informações disponíveis em: <http://comciencia.br/reportagens/socinfo/rtf/infotudo.rtf>. Data de acesso: 15 de junho de 2007, às 12h30.

FERRARETTO, Elisa Kopplin. Os vários discursos do discurso jornalístico sobre saúde. **Comunicação & Saúde – Revista Digital**. vol. 2, nº 2, julho de 2005. Disponível em: http://www.comunicaude.com.br/rev_artigos2ElisaFerraretto.htm. Data de acesso: ano de 2005.

LEMONS, Lúcia M. C. e PIMENTA, Caroline P. **A imagem da mulher nas revistas Boa Forma e Corpo a Corpo**. Trabalho apresentado como pré-requisito parcial no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

LOVATTO, Juceli M. **A estreita relação entre a linguagem e os comunicadores em saúde**. In: Mídia e saúde. EPSTEIN, Isaac ... [et al.] (orgs.). Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001. Textos apresentados nas COMSAÚDE- Conferências Brasileiras de Comunicação e Saúde (1999-2001).

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, maio de 2002. Arquivo particular em PDF/In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

OBSERVAÇÕES de Cristina Dissat na lista de discussões:
<http://www.yahogroupsjournalistasdawe.com.br>. Datas de recebimento: 24 e 25 de maio de 2007 e 09 de junho de 2007.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 1992.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. **Interpretação.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

_____. **Língua e conhecimento lingüístico:** para uma história das idéias no Brasil. São Paulo: Cortês Editora, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento (trad. bras. Eni P. Orlandi). Campinas, SP: Pontes, 2002.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso:** introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker, 1999.

ROGERS, Everett. The field of health communication today: an up-to-date report. In: **Journal of health communication.** nº 1, fev. de 1996.

SABATTINI, Renato. Internet em medicina: os recursos. In: **Informática médica**, vol.1, nº 1, jan. de 1998. Disponível em:
<<http://www.informaticamedica.org.br/informaticamedica/n0101/sabbatini.htm>>. Data de acesso: 28 de março de 2007, às 19h.

_____. O futuro da internet na medicina. Artigo publicado no **Jornal Correio Popular**, Campinas, 2000. Disponível em:
<<http://www.sabbatini.com/renato/correio/cp000305.htm>>. Data de acesso: 28 de março de 2007, às 19h.

_____. Saúde na rede. Artigo publicado no **Jornal Correio Popular**, Campinas, 21 de março de/1997. Disponível em:
<<http://www.sabbatini.com/renato/correio/cp970321.htm>>. Data de acesso: 28 de março de 2007, às 19h.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido.** São Paulo: Cultrix/USP, [s.d.].

VOGT, Carlos. O desafio de divulgar ciência. **Jornal da UNICAMP**, out. de 2006. Informações em:
<http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2006/ju342pag11.html>. Data de acesso: 15 de junho de 2007, às 11h50.

“Eu, Lúcia Márcia Carvalho Lemos, autorizo a diretoria da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (INTERCOM) a publicar nos veículos da entidade o artigo intitulado “Linguagem em discursos eletrônicos de saúde”, de minha autoria, inscrito no NP INTERCOM em Comunicação Científica - COORDENADOR: PROF. DR. PROF. DR. JOSÉ CARLOS MARQUES, no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, a ser realizado em Santos, no período de 29 de agosto a 02 de setembro de 2007.

Varginha, 14 de junho de 2007.

Lúcia Márcia Carvalho Lemos

Identidade: 4.118.006-9 - Orgão Expedidor: SSP/SP

CPF: 948254326-20